

Egreja do Beato Antonio [1]

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 408 do vol. VI)

III

ARRABALDES DE LÉSTE

Madre de Deus, Xabregas, Grilo, Beato Antonio, Poço do Bispo, Marvilla, Braço de Prata, Cabo Ruivo, Beirolas, Olivaes e Sacavem.

Este lado dos suburbios da capital não é tão bello e aprazivel como os que demoram ao norte e a oeste. Às causas naturaes que fazem menos alegre o lado oriental das povoações, do que o occidental, vem o Tejo accrescentar melancholia com a sua immensa largura, que alli lhe dá o aspecto de um braço de mar, e mais ainda com a sua habitual solidão, pois que o não sulcam embarcações que bastem para animação de uma tão vasta superficie. N'estes sitios chega o nosso rio a contar mais de 15 kilometros de largo, como succede entre Cabo Ruivo e a villa de Alcochete, mal deixando distinguir a margem d'além. Não obstante, os suburbios d'este mesmo lado de léste, que ficam um pouco mais para o interior, offerecem alguns logares muito amenos, e outros muito animados pela passagem do caminho de ferro. Os da estrada marginal tambem são de certo modo compensados pelo que perdem em amenidade e animação por uma feição particular, que lhes dá alguma graça e não pouca magestade, vistos do rio. Consiste essa feição em uma serie de templos, conventos e palacios, estendidos em linha pelo espaço de 4 kilometros, desde as barreiras da cidade, á Cruz da Pedra, até ao Poço do Bispo. Começaremos esta digressão pela beira-mar.

As *barreiras da Cruz da Pedra* estavam situadas outr'ora logo adiante do convento das freiras de Santa Apollonia, hoje transformado em estação principal provisoria do caminho de ferro de léste e norte. Porém, ha poucos annos, tendo-se acabado a estrada da circumvallação da cidade, foram mudadas aquellas barreiras para junto da extremidade esquerda da dita estrada, em sitio bastantemente elevado sobre o Tejo, e defendido d'este por alta e grossa muralha.

Sae-se das barreiras para um pequeno largo, onde confluem as estradas da circumvallação, de Chellas e da beira-mar. Tomando a ultima, encontra-se logo em baixo, ao cabo de uma calçada comprida, mas pouco ingreme, o *convento da Madre de Deus*, de freiras franciscanas, fundação da rainha D. Leonor, mulher del-rei D. João II, e irmã del-rei D. Manuel. Apesar dos estragos que lhe causou o terremoto de 1755, e dos remendos de moderna architectura com que o desfiguraram os reedificadores, é um edificio curioso por varios restos da primitiva fabrica e pelos objectos de arte que encerra. Porém, o que mais o recommenda ao nosso respeito, é ser o monumento da piedade religiosa de uma princeza que deixou commemorada a sua existencia com as caridosas instituições da confraria da misericordia, e do hospital das Caldas da Rainha.............................. [2]

Contiguo ao templo da Madre de Deus está o histo-

[1] Tratámos d'este edificio a pag. 358 do vol. v, e daremos algumas noticias mais no capitulo do nosso roteiro sobre os arrabaldes de Lisboa, que estamos publicando.

[2] Vid. a gravura e artigo a pag. 333 do vol v.

rico palacio do sr. marquez de Niza, fundado e habitado pela mesma soberana, residencia do verão del-rei D. João III; da rainha D. Catharina d'Austria, sua mulher, durante a sua regencia na menoridade del-rei D. Sebastião, seu neto; d'este monarcha depois de assumir a redeas do governo; e mais tarde, em 1640, feito prisão de estado para guarda da duqueza de Mantua, que governára Portugal em nome de D. Filippe IV de Hespanha.............[1]

Junto d'este palacio atravessa a estrada o caminho de ferro de léste, passando da margem do Tejo para o interior sobre uma ponte de ferro obliqua de mui solida construcção [2], e logo adiante, inclinando-se sobre as trazeiras do edificio da fabrica do tabaco, segue de novo a direcção do rio, mas um pouco afastado d'elle.

Entre o edificio d'esta fabrica e o palacio do sr. marquez de Niza vem terminar o valle de Chellas, todo verdejante com as suas hortas e pomares. Ha n'este ponto, a par da estrada, uma antigualha apreciavel tambem como memoria da virtuosa rainha D. Leonor, que a mandou fazer pouco tempo depois da fundação do seu convento da Madre de Deus. É a *fonte da Samaritana*, em que se vê a figura d'esta esculpida na pedra, dando de beber a Jesus Christo, com varios lavores, e a inscripção em caracteres gothicos — *Dá mihi bibere*.......................[3]

A pouca distancia para o interior acha-se a nova *fabrica de fiação de Xabregas*, estabelecimento modernamente creado, e bem organisado. [4]

O *edificio da fabrica do tabaco* tem uma historia longa, com phases bem variadas, e cheia de successos importantes. No seculo XIV erguia-se ahi uma casa de campo dos nossos reis, com seu jardim e cêrca. Dizem antigas memorias que era uma vivenda deliciosa, e devia sel-o, porque n'esses tempos não tinha edificios proximos que lhe affrontassem as vistas. Sentada no extremo do valle, e recostada em uma pouco elevada collina, que a abrigava do norte, o Tejo, espraiando-se desassombradamente sobre extenso areal, vinha quasi beijar-lhe os pés. Fundou-a el-rei D. Affonso III, o primeiro soberano que edificou palacio real dentro de Lisboa. Este monarcha e seus successores, até el-rei D. Fernando, quando estavam n'esta cidade, frequentavam muito os seus *paços de Enxobregas*, que assim se chamavam, do nome do sitio.

Os etymologistas referem do seguinte modo a origem d'este nome. Em eras muito anteriores a D. Affonso III davam nomeada áquelle sitio as continuadas rixas que alli havia todos os dias em um lavadoiro publico, entre as mulheres que iam lavar a roupa. A falta de policia, tratavam ellas proprias de accommodarem as que se excediam de palavras, gritando com quanta força tinham, apenas rompia a desordem, *leixa bregas*, querendo dizer *deixa brigas*. D'essas vozes *leixa bregas* veiu, pois, ao logar, com pouca corrupção, o nome de *Enxobregas*, que assim se conservou por alguns seculos, até se corromper de novo no de *Xabregas*, que hoje tem.

Quanto aos paços de D. Affonso III, lançaram-lhe fogo os castelhanos, quando, capitaneados por D. Henrique II, se viram obrigados a levantar o cêrco de Lisboa, na guerra que este soberano movia ao nosso rei D. Fernando. Ficaram os *paços d'Enxobregas* em completa ruina; e n'esse estado existiram até ao anno de 1455, em que el-rei D. Affonso V fez doação d'elles a D. Guiomar de Castro, mulher do primeiro conde de Attouguia, D. Alvaro Gonçalves de Attayde, para fundar n'esse logar um convento de frades franciscanos.

Deu logo começo D. Guiomar á fundação do convento, que foi dedicado a *Santa Maria de Jesus*, acabando-se e tomando posse d'elle os religiosos de S. Francisco, da provincia dos Algarves, no anno de 1460. Do convento de D. Guiomar nada resta. O terremoto de 1755 derrocou-lhe a parte principal, e o que ficou de pé foi demolido passado pouco tempo, a fim de se proceder a uma reconstrucção desde os alicerces. Traçou-se a planta do novo convento em muito mais larga escala. Deu-se-lhe a fórma de um grande parallelogrammo, com a egreja no centro. Posto que bem construido, e regularmente ornado, não sobresaía o templo em grandeza de proporções, nem em magnificencia de ornamentação, mas continha dois objectos que lhe attrahiam numerosa concurrencia de povo, tanto dos arrabaldes como da propria capital. Um era uma santa imagem da Virgem com a invocação de *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, venerada dos fieis como muito milagrosa. O outro era a representação do Calvario, ao natural, com todas as figuras sagradas, e dos phariseus, de esculptura, em uma vasta capella com porta para o vestibulo da egreja.

Pela extincção das ordens religiosas, em 1834, foi a egreja profanada, e o convento ficou muito tempo devoluto. Foi destinado primeiramente para uma penitenciaria, depois para conservatorio de artes e officios, até que em 1838 n'elle se estabeleceu, com permissão do governo, a fabrica da *companhia de fiação e tecidos de algodão lisbonense*. Durante o periodo em que esteve occupado por esta companhia ateou-se n'elle um incendio tão violento, que reduziu a cinzas a metade occidental do edificio, não chegando a communicar-se á egreja. Ficando outra vez devoluto, por ser transferida a fabrica de fiação e tecidos para o novo edificio que a companhia mandára levantar junto ao Tejo, no sitio do Calvario, determinou o governo que se estabelecesse a fabrica do tabaco no extincto convento de Xabregas, correndo o anno de 1845. Ao presente é propriedade da companhia da fabrica do tabaco, em virtude de arrematação em praça publica. E pois que fallámos n'esta fabrica, vem a proposito contarmos, em abbreviadissimo quadro, a historia d'essa planta americana, que tantos valores veiu crear, e que tão grande impulso tem dado ao commercio e á industria manufactora do mundo civilisado.

A planta do tabaco foi encontrada pela primeira vez em 1520 na provincia de Yucatan, na America. Da ilha de Tabago, uma das Antilhas, que lhe deu o nome pela muita abundancia que alli havia d'esta herva, vieram as primeiras porções para Portugal e Hespanha pouco depois da sua descoberta. De Lisboa foi levada a Paris, pela primeira vez, em 1560 pelo embaixador francez junto da nossa côrte, João Nicot, em honra do qual deram os botanicos francezes á planta do tabaco o nome de *Nicotiana tabacum*, que ainda conserva na linguagem scientifica. A rainha de França Catharina de Medicis, a quem João Nicot apresentou o tabaco já preparado, principiou desde logo a tomal-o. O seu uso generalisou-se em breve por toda a Europa, mas deu origem ás mais acaloradas disputas entre os medicos, julgando-o uns prejudicialissimo, como um veneno lento, e sustentando outros que era um grande preservativo, e até singular especifico contra quasi todas as molestias da humanidade. Os governos e o clero declararam-lhe, pela maior parte, assidua guerra. Na Inglaterra, na Suissa, na Italia, na Dinamarca, na Russia, na Turquia, e na Persia, decretaram-se, a par da prohibição, enormes penas aos contraventores. Os papas Urbano VI, Innocencio XII, e Clemente XI, publicaram bullas de excommunhão, os dois primeiros contra os que fizessem uso d'elle dentro dos templos, e o ultimo restringindo a comminação aos que a contraviessem na egreja de S. Pedro em Roma.

Entretanto o uso do tabaco, zombando de todos os obstaculos, ia-se generalisando mais de anno para

[1] Vid. pag. 182 do vol. IV.
[2] Vid. a gravura e artigo a pag. 185 do vol. III.
[3] Vid. o artigo a pag. 303 do vol V.
[4] Vid. o artigo e gravura a pag. 41 e 45 do vol. V.

anno até se estender a todas as nações civilisadas do globo. Primeiramente usou-se como rapé, depois como fumo, e mais tarde principiou-se a mascar.

O monopolio do tabaco em Portugal data do tempo dos Filippes. Reinando Filippe III tomou-o de arrendamento em Madrid um portuguez por 40$000 réis por anno; e d'ahi a tres annos Ignacio de Azevedo por 60$000 réis, continuando assim a subir. Em 1640 foi arrendado por 4:000$000; e 34 annos depois por 26:400$000. Em 1680 achava-se este preço elevado a 200 contos, e no anno de 1698 a 640 contos. Em 1707 subiu a 880 contos e assim foi progressivamente até chegar a 1:520 contos annuaes, que foi o preço do contrato que findou em maio do corrente anno. Tendo sido abolido por lei das cortes o monopolio do tabaco, a contar do primeiro de janeiro de 1865, foi posto em praça o contrato pelo segundo semestre de 1864, e arrematado por uma companhia, juntamente com o edificio, machinas, e utensilios da fabrica, por 1.410:500$000 réis. Ao principio foi este monopolio arrendado sem concurrencia. Depois introduziu-se o uso de se dar por arrematação em praça publica a quem offerecesse maior lanço, para o que se organisavam companhias de capitalistas.

A fabrica do tabaco esteve durante muitos annos na *rua do Jardim do Tabaco*, proximo ao *Arsenal do Exercito*. Os seus antigos edificios ainda lá se conservam no mesmo estado, do lado do norte da rua, servindo actualmente de armazens auxiliares da Alfandega Grande de Lisboa.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

A SCIENCIA NA EDADE MÉDIA

E AS ENCYCLOPEDIAS D'ESSE TEMPO

(Conclusão. Vid. pag. 193)

VII

É o *Tesoro* de messer Brunetto Latini um vasto repositorio de quanto nas sciencias naturaes e politicas sabiam os mais doutos d'aquelle tempo, firmados principalmente na auctoridade dos antigos escriptores.

Com quanto domine n'este livro o mesmo caracter encyclopedico que assignala o *Speculum* de Vicente de Beauvais, o *Opus Majus, Minus e Tertium* de fr. Rogerio Bacon, e os tratados variadissimos de S. Thomaz de Aquino, percebe-se claramente n'aquelle escripto a predilecção que mereciam ao auctor as sciencias sociaes, e a viva reminiscencia das noções praticas adquiridas pelo engenhoso e activo secretario da republica florentina na regencia dos negocios, no trato das cortes, e na lucta impetuosa das paixões.

Durante seiscentos annos se conservou manuscripto o *Livro do Thesouro* na lingua em que originalmente o escreveu o seu douto compilador. A universal reputação que lhe creou o nome do escriptor, e a utilidade d'esta encyclopedia, determinaram que se multiplicassem por extremo as cópias do famoso manuscripto, e as suas versões ou redacções diversas em quasi todas as linguas e dialectos neo-latinos. O *Livro do Thesouro* só havia sido dado á estampa na sua traducção italiana de Giamboni. Repoisavam nas bibliothecas os numerosos codices da primitiva composição. Lastimavam os eruditos que este precioso livro, de que irradia tanta luz para a avaliação intellectual e politica do seculo XIII, não achasse um editor consciencioso e diligente. Appareceu finalmente, por meiados do anno de 1863, publicado o manuscripto na grande *Collecção dos documentos inéditos sobre a historia de França, publicados por diligencia do ministro da instrucção publica, e sob a direcção do sr. Chabaille*.

Divide-se o *Thesouro* em tres livros, pelos quaes repartiu messer Brunetto Latini toda a summa de conhecimentos nas sciencias sagradas e profanas.

Não é de esperar que n'uma obra do seculo XIII appareça aquella rigorosa e racional classificação que das idéas e das sciencias se faz hoje, depois que por conquistas successivas do pensamento se dilatou o horisonte do saber.

Divide Brunetto Latini, logo no 3.º capitulo do seu livro, as sciencias todas em *theoria* e em *pratica*. A theoria encerra tres sciencias, a saber: a *theologia*, a *physica* e a *mathematica*. A physica, segundo a generica acepção em que este nome era tomado pelos antigos e pelos sabios da edade média, comprehende tudo o que modernamente se resume na sciencia d'este nome, e alarga os seus dominios pelo que nós hoje chamâmos distinctamente *historia natural*.

A *mathematica* divide-se, na arvore encyclopedica de Brunetto, em quatro diversas disciplinas, que são a *arithmetica*, a *musica*, a *geometria* e a *astronomia*.

A *pratica*, que corresponde ás que hoje chamâmos sciencias moraes e politicas, comprehende no *Thesouro* tres partes distinctas, que são, segundo a nomenclatura aristotelica, a *ethica*, a *economia* e a *politica*.

É digno de reparo que o auctor do *Thesouro* revelasse as tendencias naturaes do seu espirito, quando encarece sobremaneira as excellencias da *politica* sobre todas as outras sciencias de que tratou. «La tierce, diz Brunetto Latini [1], est politique et sanz faille ce est la plus haute science et le plus nobles mestiers qui soit entre les homes: quar ele nos enseigne à governer les estranges gens d'un regne et d'une vile et un peuple et une comune en tens de pais et de guerre, selonc raison et justice».

A politica divide-se, segundo Latini, em duas maneiras: uma que é de obras, e outra de palavras. A de obras comprehende as artes e officios mecanicos. A de palavras reparte-se em tres sciencias, segundo o auctor, essenciaes para a boa regencia dos estados, a saber: a grammatica, a dialectica e a rhetorica. Da grammatica, diz o *Thesouro*: «que é o *fundamento, porta* e *entrada* das outras sciencias».

O elogio da rhetorica, e a enumeração dos seus poderosissimos influxos no governo das nações, merecem que os citemos nas proprias palavras do escriptor. «A terceira sciencia é rhetorica, nobilissima sciencia que nos ensina a achar, ordenar e dizer boas e bellas palavras, cheias de sentenças, segundo a materia de que se trata... É a sciencia que educa os homens para bem fazerem, e que os educa tambem pela prégação dos homens piedosos, pelas divinas escripturas, e pela lei que governa as gentes conforme o direito e justiça... É a sciencia da qual disse M. Tullio no seu livro, que altissima coisa conquista aquelle homem que excede aos outros n'aquillo mesmo em que elles todos sobrelevam aos animaes, isto é, na linguagem. Pelo que deveria cada um esforçar-se por saber esta sciencia, se lh'o concede a natureza e o ajuda n'esse empenho; porque sem natureza e sem ensino, ninguem a poderia conquistar. E para fallar verdade, d'ella temos necessidade a cada passo e em todos os negocios, e muitas coisas grandes e pequenas podêmos nós conseguir sómente com fallar bem, as quaes se não alcançariam nunca á força de armas, nem a poder de engenhos». [2]

Dos tres livros em que se reparte o *Thesouro*, o primeiro trata do que se poderia chamar a philosophia na sua mais larga acepção, ou do que Brunetto Latini designa pelo nome de *theorica*.

É o primeiro livro distribuido em quatro partes. A primeira, por uma singular confusão, mistura os prin-

[1] *Li livres dou Tresor*, liv. I. part. I pag. 8.
[2] *Li livres dou Tresor*, liv. I. part. I. pag. 9.

cipios fundamentaes da theologia natural, e da psychologia com os factos da historia antiga, sagrada e profana, até ao tempo de Jesus Christo.

Na segunda parte referem-se brevemente varios pontos da historia sagrada e ecclesiastica, e da profana tambem desde a promulgação da lei da graça até Manfredo e o rei de Napoles Carlos de Anjou, consagrando o auctor varios capitulos á historia e genealogia da Virgem, e á biographia resumida do Baptista, dos apostolos e evangelistas.

A terceira parte é consagrada á cosmogonia, á physica, e principalmente á astronomia, segundo estas sciencias eram comprehendidas e professadas n'aquelles tempos, em que mais se veneravam os erros dos antigos, do que os methodos de investigação experimental.

N'esta parte tratou o illustre pedagogo do Dante de como a natureza procede na creação; demonstra com razões a esphericidade da terra, estuda os cinco elementos de Aristoteles, isto é, os quatro geralmente conhecidos na physica da antiguidade e dos tempos modernos até aos primeiros descobrimentos da chimica actual, e o quinto, a que os gregos davam o nome de *Ether* [1], a que Brunetto Latini chamava *orbis*, e que elle diz ser um *ceo redondo (uns ciels réons), que circunda e inclue dentro de si todos os outros elementos, e as outras coisas que estão fóra da divindade* (qui environne et encloste dedanz soi touz les autres elemenz et les autres choses qui sont hors de la divinité), *e é para o mundo o que é a casca de um ovo*, que enclausura e encerra o que está de dentro (et est autressi au monde comme est l'escaille d'un uef qui enclost et enserre ce qui est dedanz).

A quarta parte do primeiro livro é dedicada principalmente á geographia. N'esta parte se descrevem as terras e os mares da Europa, Asia e Africa, e se referem os phenomenos das marés, que Brunetto Latini, referindo o parecer dos astronomos, attribue á influencia da lua. Na resenha dos estados da Europa, apparece a nossa terra com o nome de *Portingal*. Depois das noções geographicas seguem-se cinco capitulos destinados a ensinar como se devem eleger as terras para a cultura, como e em que logares se hão de fundar as habitações, as regras da construcção dos poços, fontes e cisternas, e finalmente umas breves instrucções sobre o modo por que se devem tornar commodas as casas, e prover ás necessidades da economia domestica e rural.

Na quinta parte do livro I ensina Brunetto tudo o que de verdadeiro ou de erroneo póde colligir sobre a historia natural dos animaes, mesclando todos os mythos da zoologia fabulosa com a descripção, muitas vezes correcta, de diversos animaes, principalmente dos mammiferos e aves mais vulgares.

O livro segundo trata dos vicios e das virtudes, e consta de tratados diversos, o primeiro dos quaes é uma paraphrase da *Ethica* de Aristoteles, de que Brunetto havia já feito uma versão italiana com o titulo de *Ethica di Aristoteles, ridotta in compendio*. O segundo é, por assim dizer, o commentario do primeiro, e, excepto algumas sentenças originaes, é apenas a cópia de trechos selectos dos moralistas antigos e modernos, sagrados e profanos, vertidos em francez primitivo, e conhecidos pelo nome de *Moralités des Philosophes*.

O livro terceiro é consagrado ás sciencias sociaes e politicas. Divide-se em duas partes. Na primeira expõem-se os principios da rhetorica, tirados principalmente do livro *de Inventione* de Cicero. O ultimo tratado, que é, por assim dizer, o remate e coroa do *Thesouro*, como se todos os outros fossem apenas preparação e tirocinio para a alta sciencia de governar, resume os fundamentos e as regras da politica, adaptada ao regimen republicano das cidades italianas na meia edade.

É este o mais original e instructivo de todos os escriptos de Brunetto, e aquelle em que o seu espirito menos se encostou ás tradições da antiguidade, para luzir quasi revolucionariamente os primeiros clarões do moderno direito publico. Tem este tratado um inestimavel preço historico, pelos subsidios que ministra para esclarecer as relações entre as *communas* ou republicas italianas, e os *podestás*, ou principes e senhores, que as cidades elegiam por tempo limitado para as governar segundo seus foros e costumes.

Tal como o concebeu Brunetto Latini, com toda a sua rudeza e imperfeição, o *Livro do Thesouro* não podia deixar de tornar-se, no seculo XIII e nos seguintes até ao renascimento das letras, uma encyclopedia popular, e contribuir poderosamente para diffundir as verdades e os erros da antiguidade nas classes a quem já n'aquelles tempos estimulava o desejo de saber.

Se Rogerio Bacon, Thomaz de Aquino, S. Alberto Magno, se levantaram pela alteza do seu engenho até ao espirito prophetico nos dominios futuros da sciencia, Brunetto Latini, posto que de plana certamente inferior na hierarchia intellectual, deveria porventura exercer um influxo mais energico sobre os espiritos illustrados, a quem não podiam ser uteis os grossos codices latinos, onde aquelles espiritos eminentes e innovadores haviam lançado as primeiras sementes da renascença durante a penumbra da meia edade.

Se o seculo XIX vulgarisou e, a quasi todos, fez humanos os milagres de outras eras; se o seculo XVI, por suas emprezas aventureiras, pela sua indole dubitativa, pelo fervor dos bons estudos classicos, revolucionou a christandade e clamou á humanidade moralmente paralytica — *Tolle grabatum tuum et ambula*, não podémos desconhecer que n'esta filiação de idéas, n'esta cadeia de aperfeiçoamentos, n'esta escala de progressos physicos e moraes, tambem teve uma parte apreciavel o seculo XIII, e que na lucta dos martyres e dos confessores da religião intellectual, merecem logar honroso e honrada commemoração os que d'entre as abusões, os preconceitos, as tradições, e as ignorancias da edade média, voaram em espirito até ás regiões illuminadas do seculo actual.

J. M. Latino Coelho.

[1] Vid. ácerca do *Ether* na philosophia pythagorica e peripatetica, e nas tradições da philosophia hindu, Humboldt. *Cosmos*, ed. fr., t. III, part. I, pag. 36-40 e 275-277.

CARTAS A UMA SENHORA

AS PEROLAS

(Vid. pag. 115)

II

Senhora minha — Dignou-se v. exc. receber com especial agrado a minha carta sobre a formação das perolas. Receiava eu ser enfadonho, não só porque o assumpto tinha uns longes de sciencia, de que as senhoras costumam andar arredías, senão tambem porque a parca poesia que n'ella transcrevi, mal podia agradar a pessoa de tão atilado espirito, e de mui apurado gosto artistico.

Não sou eu o bemaventurado a quem

...Apollo e as Musas só teceram
Verde coroa; a esse justamente
A honra e nome de poeta deram,

como dizia o bom Antonio Ferreira.

Mas, porque não havia eu de arreceiar-me, se, como affirma o mesmo poeta:

Não falta engenho, não fallece amparo

aos que mais e melhor poderiam escrever, do que este humilde servo de suas virtudes?

Supplicou v. exc., quando podia mandar; obedecerei porque devo obedecer; e eis-me outra vez com as perolas que deixei nas mãos dos ávidos e crueis hollandezes, e.̓. nas suas formosissimas orelhas:

Altar brilhante de brilhantes per'las,

como exclamou um dia o nosso poeta gafenho, contemplando os *brincos* de v. exc., a brincarem aos raios chammeantes de um sol de abril, que se enroscavam curiosos por entre a ramagem do jardim.

Deixemos o *canoro* poeta pastoreando o seu rebanho pelas fraguas empinadas de um amor não comprehendido; deixemol-o, com o cajado e surrão, a lembrar-se da gentil pastorinha, que, de maldosa, ainda hoje está mirando o azougado rosto nas lagrimas que elle verteu: deixemol-o a peregrinar e a espairecer saudades de quantos pares de olhos n'elle se fitaram, e lhe entornaram n'alma jorros de amor que acreditou haver inspirado; deixemol-o, e voltemos ás perolas, que vão curtindo o captiveiro no seio das aguas, e de cuja

..................morte feia
Darei em triste carme *larga* cópia,
Chorando com tal dor a dor alheia,
....

Nem todos os mariscos *perlogéneos* dão perolas egualmente bellas, e esta variação de resultados depende da latitude e da profundeza das aguas. As pescas mais proficuas são as que se fazem nas costas orientaes da Africa, no mar Vermelho, oceano Indico, golpho Persico, Ormuz, e em Ceylão, a antiga Taprobana de Camões. São as dilatadas regiões, derradeiros e alentados braços do antigo imperio portuguez.



Fabrica do tabaco em Xabregas

Nem todas as perolas nascem, como Amphitrite, do seio das ondas rumorosas: saem algumas dos lagos e ribeiras, mórmente das que correm nas gargantas da antiga e poetica Caledonia.

São estas perolas mui afamadas, e vendem-se com grande procura tanto em Londres como em Paris. Disse ha pouco um sabio francez, o sr. de Payan-Dumoulin, que ha molluscos perlogéneos nos departamentos da Haute-Loire e da Lozère, em pequenos ribeiros, que cortam aquelle tracto de terreno, muito similhante, nos caracteres geologicos e climatologicos, ao da Escocia. É a fórma d'estes molluscos quasi regularmente oval, e parecem-se com as ostras, chegando a medir 8 centimetros de comprimento sobre 3 de largura, e apraz-lhes mais segregar perolas nas conchas de mediano volume, principalmente quando são subjeitas a compressões ou fracturas.

Abundam estes molluscos em Dance e Virlange, pequenos rios que, depois de juntos, vem desembocar no rio d'Allier, nas cercanias de Monistrol d'Allier.

Perguntará v. exc. como se alimentam estes bons animaes. Serve-lhes admiravelmente o instincto. Da gula fatal de Eva, contam sagradas letras, que fôra causa do desterro do homem, que assim veiu a perder a eterna bemaventurança do paraiso terreal. Pois console-se v. exc. que a gulodice não é privativa do sexo amavel, de que v. exc. é amavel ornamento. Todos os animaes, que formam o quadro zoologico, tem grande pendor para este peccado, que é duplamente mortal, pois que mata a alma e o corpo. (Não se arrenegue v. exc.; bem sei eu que os animaes não tem alma, e por isso podêmos desde já dividir o reino animal em duas grandes classes: 1.ª aquella para cujos animaes é a gula peccado duplamente mortal; 2.ª composta de muitos seres, para os quaes é a gula um simples peccado mortal. Combinam-se d'este modo, e muito amoravelmente, a orthodoxia e a sciencia).

Vamos pois ao caso. Supponha v. exc. que o nosso marisco, como tenha acordado em jejum natural, é apertado de fome. A respeito de sêde não fallemos, porque é coisa que o tal bichinho não sente. Que ha de fazer o esperto mollusco? Engatilha a arma, isto é, escancara a concha, que é bivalve, e gira em volta de uma charneira cartilaginosa. Deita metade do corpo para fóra a embalar-se no cristal das aguas, e espera que algum animalsinho aquatico, levado de um apetite voraz, cáia na ratoeira. Tanto que o marisco se sente accommettido do inimigo, mette-se na concha, fecha-a hermeticamente, banqueteia-se, qual humido Appicio, á custa de quem o queria devorar. Chama-se a isto, em bom portuguez, ir buscar lã e vir tosquiado. Acontece esta desgraça a muita gente boa.

Disse eu a v. exc. que as perolas são effeito de uma ferida na concha. Affirma o sr. de Payan-Dumoulin ter encontrado no interior de algumas conchas pequenos bagos de terra e areia, que começavam a ser cobertos de secreção nacarada, a tempo que outros já o estavam de todo, posto que ainda se distinguissem os angulos e arestas.

Accrescenta tambem haver apanhado algumas conchas comprimidas, ou quebradas com os choques e percussões de corpos estranhos, e que tinham sido concertadas por meio de liquido perlogéneo. Conforme já tive occasião de dizer a v. exc., a pratica e o empyrismo haviam dado este mesmo resultado, a ponto de os pobres molluscos serem victimas dos cúpidos hollandezes e inglezes.

Trata-se agora de espalhar e diffundir este processo *ad majorem mulieris gloriam*.

E aqui ponho ponto, senhora minha, dando-me por feliz se conseguir captivar a sua attenção, mostrando que as perolas que lhe circundam o mimoso collo em noites de baile, são lagrimas de uma dor intensa e muda.

No doidejar da polka e no revolutear da walsa, lembre-se do humilde marisco, que chora perolas que dão realce á sua formosura. — Sou de v. exc., servo e adorador,

A. Osorio de Vasconcellos.

A PHARSALIA DE LUCANO

LIVRO VII

BATALHA DE PHARSALIA

(Vid. pag. 198)

Arraiado do sol, que em frente o doira,
o exercito infeliz descendo ao campo
d'um relampago immenso inunda os altos.
Estende-se em batalha na planicie,
firme, ordenado, intrepido.
Commanda
na ala da esquerda Lentulo; compõe-n'a
a legião em numero primeira,
e primeira no esforço, unida á quarta.

Ao lidador Domicio, é commettida,
em hora aziaga, a dextra.
Ao centro apinham-se
as fortissimas gentes que trouxera
da Cilicia Scipião, soldado agora,
mas que inda lá na Lybia ha de ser chefe.

Cobrem a do Enipéo charcosa margem
o bando montanhez dos Cappadocios,
e os esquadrões do Ponto em rédea largos.

Para fóra das humidas leziras
enchem campos sem terminos, Tetrarchas,
Reis, Potentados, quanto braço augusto
desembainhou a espada em prol de Roma.
Ali, de Lybia os Numidas! de Creta,
os Cydoneos! d'alli, voarão granisos
de itureas frechas; ruirão ferozes
os Gallos contra o solito inimigo,
e os da Iberia pugnaz floreando a adarga.

Sus! sus, Pompeo! subtrahe ao victorioso
tanta e tanta nação; corra de um jacto
do mundo o sangue todo; assim lhe arrancas
desde a raiz os loiros do triumpho.

Fez o acaso que Cesar n'esse dia,
sacando as legiões do acampamento,
se ia a forragear; deu vista a subitas
do inimigo a descer para a planicie.
Parabens! eil-o! o prazo dos seus votos:
vae jogar o universo. Esperas tantas
a coração tão sofrego de imperio
já eram cru tormento: exasperava-o
em civil guerra a minima delonga;
urgia-lhe pôr termo ao sacrilegio.

Agora, agora sim, que ao grão descrime
são chegados os dois! vão confrontar-se
na batalha suprema. Ao vacillante
destino d'um ou d'outro é vinda a quéda.

Entretanto n'esta hora decisiva,
seu mavorcio furor, 'té 'li constante,
deslisou da firmeza; alma avezada
a antever sempre o bem nos casos dubios,
em lance tão solemne está perplexa;
que não tema, lhe brada o seu destino;
brada-lhe o de Pompeo que nada espere.

Recalca no imo peito as anciedades;
alça a voz ante o exercito; o denodo
que derrama nos seus lhe ateia o proprio:

—«Guerreiros, astros bons dos meus designios,
«domadores do mundo: é vinda a hora
«do anhelado certame. A vez das preces
«passou; agora a espada obrigue aos fados.
«O que Cesar será, nas mãos o tendes.
«Este o dia que vós me afiançáreis,
«junto ao Rúbicon; só para alcançal-o
«entrámos em campanha; elle, os triumphos
«que a inveja nos roubava, ha de repor-nos.

«Hoje recobrareis o lar, os filhos,
«e da milicia o premio, os doces campos.
«A sorte provará quem era o justo:
«quem succumbir foi reo.
«Por mim buscastes
«a ferro e fogo a patria; agora cumpre
«salvar-vos como heroes d'esse desdoiro.
«(Tudo é desdoiro aos olhos de inimigos).

«Não se trata de mim, de vós se trata;
«séde-me um povo livre, e o rei do mundo.
«Para mim já não tenho outra cubiça
«mais que volver-me ao placido remanso
«de um togado modesto. O nada acceito,
«como vos fique o tudo; acceito os odios
«colhendo vós o imperio. O imperio do orbe
«co'um pouco mais de sangue em vós se firma.

«Quem tendes pela frente?: uns moços gregos
«recrutas de gymnasio, uns palestrantes
«que nem podem co'as armas, gentes barbaras,
«misturadas sem vinculo de raça,
«nem communhão de lingua. O som das tubas,
«e o seu proprio clamor na arremettida
«as hão de espavorir. Vem lá bem poucos
«por quem civil tal guerra appellidemos.

«D'esta batalha o maximo proveito
«será que de uma vez se desaffronta
«de cabildas hostis o orbe romano.
«Correi, calcae, transponde as greis sem alma;
«anniquilae phantasticas potencias;
«levae da espada, e todo o mundo é vosso!

«Mostrae que os povos tantos que enfiaram
«triumphos a Pompeo no Capitolio,
«nem para um só triumpho eram bastantes.

«Que importa á Armenia quem domine em Roma?
«Ha barbaro nenhum que merque a sangue
«o intitular-se pompeiana a Hesperia?
«Aos de Roma em geral consagram odio;
«mas quanto mais de perto os conheceram,
«mais lhes infunde horror seu predominio.
«Quanto a mim, é diverso: o meu destino
«me ha posto em mãos leaes, mãos tantas vezes
«nas campanhas da Gallia experimentadas.
«Qual a espada entre vós que eu não conheça?

«que dardo vosso tremerá voando
«que lhe eu não diga o dono?

«Em vosso aspecto,
«em vosso torvo olhar presagios leio,
«que ao vosso general nunca mentiram:
«vencestes! Estou vendo um mar de sangue;
«reis calcados aos pés; a curia esparsa;
«e em morticinio atroz nadando os povos.
«Mas não dilato eu proprio os meus destinos,
«quando com taes discursos entretenho
«a furia de investir que em vós flammeja?
«Perdoae-me se os loiros vos retardo;
«tornae-me a culpa ao trepido alvoroço:
«ante o bem, certo, proximo, deliro!
«Nunca tão liberaes hei visto os numes,
«nem tão perto de mim. Tão só distâmos
«da ventura, o que vae de um campo ao outro.
«No proximo recontro expira a guerra;
«e expirada que seja, a mim pertence
«os bens partir de tantos reis e povos.

«Deuses! que novas leis, que outros planetas,
«vem reger lá de cima a sorte humana?
«um campo da Thesalia encerra o mundo!

«Soldados! este dia é que prepara
«ás lides nossas ou castigo ou premio!
«Não vêdes os grilhões que me destinam?
«o supplicio na cruz? Esta cabeça
«nos rostros fixa? o corpo esquartejado?
«Não vêdes lá no encerro dos comicios
«horrores outra vez? sanguineas luctas?
«Sim, sim, não n'o esqueçaes: nosso adversario
«com Sylla militou. Por vós só tremo;
«não por mim, que na mão tenho os meus fados:
«o primeiro que atraz volver os olhos
«antes de obtida a palma, esteja certo
«que ha de ver esta espada abrir-me as visceras.

«Deuses, que estaes dos ceos olhando a terra
«e os trances d'este imperio, augustos deuses!
«outorgae a victoria a quem não julgue
«ser preciso com sangue enxovalhal-a:
«a quem depois de obtel-a, impios não chame
«a seus concidadãos porque seguiram
«diversos arraiaes. Pompeo, Romanos,
«já vós junto a Dyrrachio o experimentastes:
«quando n'aquelle passo angustioso
«vos colheu por tal arte encurralados
«que era baldo o valor, o esforço inutil,
«de quanto sangue não fartou a espada?!
«Vós, sêde outros em tudo, eu vol-o imploro:
«que ninguem fira espaldas d'inimigo;
«quem vos fugir, de cidadão tem fóros.
«Ferro, só contra o ferro; onde elle brilhe,
«nenhum piedoso affecto vos retenha.
«Descobris vossos paes nos adversarios?
«não mais vereis seus rostos veneraveis
«retalhando-os co'as laminas. Que importa
«se é parente, se estranho, o que immolardes!
«do inimigo na voz sois sempre uns impios!

«Basta. É já tempo em fim; cáia a trincheira,
«atulhe o fosso; o exercito prorompa
«formado, e d'uma vez, do acampamento.
«Por este que arrasaes, tendes ess'outro,
«D'onde já vem saíndo aquelle bando
«de moribunda gente.»—

Aqui, truncado
o cesareo discurso, eis que espontaneo
cada qual vôa onde o mister lh'o exige:
tudo se arma. Os presagios colhem sofregos;
prorompem do talado acampamento;
vão sem ordem, sem tactica de chefes,
entregues ao destino.

A serem todos
sogros do grão Pompeo, todos levados
da ambição de reinar na patria Roma,
com mais ardor ao prelio não voaram.

(Continua) José Feliciano de Castilho.

CASAS PARA ESCHOLAS

(Vid. pag. 164)

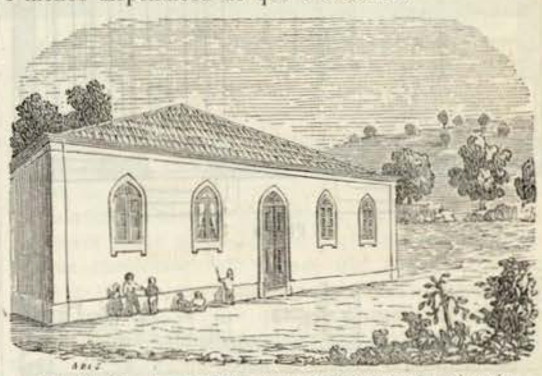
A estampa III representa o plano de uma eschola para 50 alumnos.

Vê-se o alçado em perspectiva com duas portas, uma que dá entrada para a eschola, e outra para a habitação do professor. Na respectiva planta observa-se a distribuição dos quartos, e a disposição das bancadas para os alumnos.

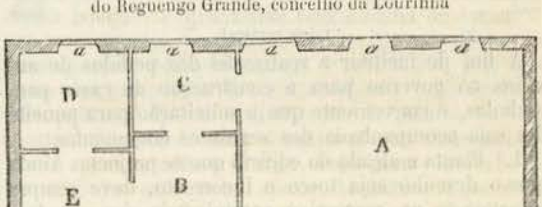
No córte vertical nota-se a inclinação do pavimento da eschola á similhança de um tablado, o que permitte ao professor vigiar da sua cadeira todos os alumnos, e a estes ouvirem e verem melhor o que o mestre diz, ou o que escreve no quadro preto.

Na parte inferior do soalho resta um espaço, ou caixa de ar, por onde se faz a ventilação, passando o ar para a eschola por uns orificios que na planta estão marcados entre as bancadas. Junto das janellas, e no soalho, ha uma pequena grade ou ralo por onde tambem entra o ar. Pelo desenho d'este córte se póde fazer idéa do modo por que se effectua a renovação do ar.

A estampa IV mostra o alçado e planta de uma eschola tambem para 50 alumnos, porém mais simples. e menos dispendiosa do que a anterior.



IV—Modêlo de casa para a eschola de instrucção primaria do Reguengo Grande, concelho da Lourinhã



Planta

Abaixo vão os orçamentos relativos a ambos estes projectos, devendo advertir-se que no projecto IV não entra a importancia da madeira, porque é fornecida pela localidade.

Nas instrucções que pelo ministerio do reino foram dadas aos inspectores das escholas primarias, em 30 de julho do anno proximo passado, foi-lhes recommendado que convidassem as camaras municipaes e as juntas de parochia, a proverem á falta ou deficiencia das casas escholares, animando-as a mandarem construir edificios simples e appropriados, na certeza de que o governo auxiliaria estas obras na proporção dos recursos de que elle podesse dispôr.

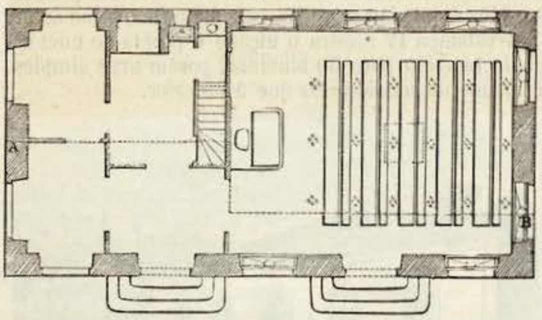
Em execução d'estas idéas, já o governo se pres-

tou a auxiliar a construcção de casas para escholas em S. Mamede de Ventosa, e na Freiria, concelho de Torres Vedras, bem como no Reguengo Grande, concelho da Lourinhã.

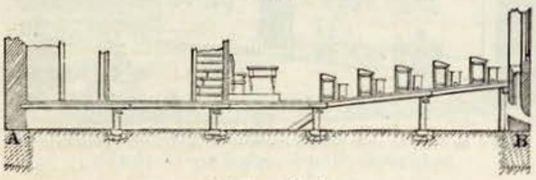
No sitio da Lapa, em Lisboa, e em terreno cedido pelo estado, se projecta a edificação de uma eschola modêlo, e talvez de uma bibliotheca popular, cujos desenhos e respectivo orçamento estão dependentes do conselho das obras publicas.



III — Modêlo de casa para a eschola de instrucção primaria da Freiria, concelho de Torres Vedras



Planta



Córte vertical

A fim de facilitar a realisação dos pedidos de auxilios ao governo para a construcção de casas para escholas, é conveniente que a solicitação para aquelle fim seja acompanhada dos seguintes documentos:

1.° Planta e alçado do edificio que se projecta. Ainda que o desenho seja tosco e incorrecto, deve sempre remetter-se ao respectivo commissario dos estudos, porque este terá meios de o fazer emendar e corrigir.

2.° O respectivo orçamento da obra, o mais detalhado possivel.

3.° A relação dos materiaes, donativos, e quaesquer outros subsidios com os quaes se conte para a edificação.

Por ultimo advertiremos que sempre que a eschola possa ter um jardim ou espaço arborisado, para recreio das crianças e exercicios gymnasticos, será este um importante melhoramento que convirá aproveitar.

Estamos convencidos de que se todos se possuirem da urgente necessidade, e da grande vantagem que ha em melhorar a deploravel condição em que se encontram quasi todas as casas escholares, teremos em poucos annos saído do estado vergonhoso a que a incuria e indifferentismo nos tem conduzido.

Julho 1864. — *O Commissario dos estudos do districto de Lisboa* M. Ghira.

ORÇAMENTO DO PROJECTO III PARA A CONSTRUCÇÃO DA ESCHOLA PUBLICA NA FREGUEZIA DA FREIRIA

OBRA DE ALVENÉO

Abertura de 30m de cabouco a 200 réis..	60$000
Construcção de 90m de alvenaria para paredes e fundamentos a 2$400........	216$000
Cantaria para portas e janellas, 93m a 1$000	93$000
Dita para degráos, 10m a 2$000........	20$000
Rebocos e guarnecimentos, 320m a 150 réis	48$000
Construcção de 130m de telhado mouriscado a 350 réis........................	45$500
	482$500

OBRA DE CARPINTEIRO

Sollo e vigamento: 4 madres de pinho da terra assentes, 22m. 0m,1. 0m1	14$080
Sollo e vigamento: 100 barrotes idem de 4m,4	30$000
Sollo e vigamento: Solho idem, 80m a 450 réis	36$000
	80$080
Frechaes idem, 80m. 0m,1. 0m1 assentes..	23$000
4 asnas idem de 0m,1. 0m,1...........	52$000
Rincões, páo de fileira e madres, idem, 100m. 0m,1. 0m,1..........................	33$000
Vigam.to do tecto, idem, 100 barrotes de 4m,4	30$000
Niveis, escoras e penduraes para o madeiramento do tecto, 100m. 0m,1. 0m,1...	30$000
Varedo, 150 varas de castanho assentes	76$000
Guarda-pó assente, 130m a 220 réis.....	28$600
Ripado, 50 duzias de ripa assentes......	28$000
Forro do tecto, 80m,2 assentes a 300 réis	24$000
Taboas de ponto, de brabate e cintas, 150m assentes..........................	21$600
Tabiques interiores (em espinha) chapeados e guarnecidos, 50m a 1$200.........	60$000
Abas, rodapés e alisares, 200m a 250 rs.	50$000
Caixilhos e aros, 11 vãos a 6$000......	66$000
Portas de dentro, idem, a 5$000........	55$000
Portas interiores, 8 vãos, média a 6$000	48$000
Portas de entrada, 2 ditas a 8$000.....	16$000
	721$280

OBRA DE PINTOR

Pintura dos tectos a branco, 80mm a 400 rs.	32$000
Idem de 31 vãos de portas e caixilhos, média a 1$000.........................	31$000
Idem de 260mm de paredes, côres lisas e traços...........................	26$000
	89$000

RESUMO

Obra de alvenéo....................	482$500
Dita de carpinteiro..................	721$280
Dita de pintor.........................	89$000
	1:292$780
Despezas geraes e imprevistas..........	107$220
Total.......	1:400$000

ORÇAMENTO DO PROJECTO IV PARA A CONSTRUCÇÃO DA ESCHOLA PUBLICA NA FREG. DO REGUENGO GRANDE

Por forrar 84mm a 227 réis por 1mm.....	19$068
Por assoalhar........................	3$068
Por formar o madeiramento prompto para o telhado.........................	20$000
Por fazer portas e tabiques............	19$000
Por elevar 90mm de parede a 218 réis por 1mm.............................	19$620
Reboco, tabiques e telhado.............	21$000
Cantaria para janellas e portas.........	52$490
Compra de pedra.....................	10$000
Serragem de madeira.................	14$000
Ferragens............................	15$000
Telha................................	18$000
Cal..................................	19$000
Total.......	230$246

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio